

Proposta de tradução da lenda “Maese Pérez el Organista”, de Gustavo Adolfo Bécquer

A possible translation of the legend “Maese Pérez el Organista”, by Gustavo Adolfo Bécquer

Wagner Monteiro Pereira¹

Mahyra da Fonseca Pessanha Campos²

Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar a tradução comentada da lenda “Maese Pérez el organista”, de Gustavo Adolfo Bécquer, um dos mais relevantes autores do Romantismo espanhol. Nossa proposta tentará recriar expressões e léxicos bastante localizados no *ethos* oitocentista no português brasileiro do século XXI. Do mesmo modo, lançaremos mão de notas de notas de rodapé, por entendermos que o paratexto pode ser entendido como uma ferramenta metodológica que contribui para a compreensão de elementos marcadamente históricos.

Palavras-chave: Tradução comentada; Gustavo Adolfo Bécquer; Romantismo

Abstract: This text aims to present an annotated translation of the legend “Maese Pérez el organista” by Gustavo Adolfo Bécquer, one of the most important authors of Spanish Romanticism. Our proposal will attempt to recreate expressions and lexicons much part of the nineteenth-century ethos in 21st-century Brazilian Portuguese. Likewise, we will use footnotes, as we understand that the paratext can be understood as a methodological tool that contributes to understanding markedly historical elements.

Keywords: Annotated translation; Gustavo Adolfo Bécquer; Romanticism

Breve introdução

Gustavo Adolfo Bécquer nasceu em 1836, em Sevilha, na Espanha. Desde muito jovem, mostrou grande interesse pelas letras e artes, influenciado por sua família de artistas. Embora seu verdadeiro sobrenome fosse Domínguez Bastida, ele preferiu ser conhecido pelo sobrenome Bécquer, que evocava as origens e o passado ilustre de sua família. Bécquer foi poeta, escritor, romancista, e dramaturgo espanhol. É considerado um dos principais representantes do movimento Pós-romântico. Bécquer ficou órfão aos dez anos de idade e viveu

¹ Professor adjunto de língua e literatura espanhola na tradução e de Teoria da Tradução na Pós-Graduação da UERJ. Jovem cientista do Nosso Estado FAPERJ. ORCID: 0000-0002-2884-9167

² Graduada em Letras Português-Espanhol na UERJ. Bolsista de Mestrado CAPES. ORCID: 0009-0000-3091-2383

sua infância e adolescência em Sevilha. Em 1853, com a intenção de fazer carreira literária, mudou-se para Madri. Sua obra teve uma forte influência em figuras posteriores, como Rubén Darío e Antonio Machado, e hoje é considerado o precursor da poesia espanhola contemporânea.

A obra que será apresentada em sua tradução ao português brasileiro, "Maese Pérez, o Organista" – é uma das lendas escritas por Gustavo Adolfo Bécquer, publicada em 1861. A história se passa em Sevilha, no convento de Santa Inês, durante a Noite de Natal. Tal história é narrada por um narrador onisciente, que relata os eventos com uma perspectiva que abrange o conhecimento de todos os personagens e acontecimentos e por uma narradora que relata os eventos com uma perspectiva pessoal. Outrossim, destacam-se algumas personagens: Maese Pérez, o organista titular da igreja do convento, um homem idoso e cego com um talento excepcional para a música; a filha de Maese Pérez, que após a morte de seu pai decide honrar seu legado tocando o órgão na catedral; e a música do órgão, que é a alma da obra. Entre as personagens secundárias – O organista de San Román, um jovem designado para substituir Maese Pérez; o arcebispo, uma figura de autoridade na catedral; e a abadessa, a superiora do mosteiro que encoraja a filha de Maese Pérez a tocar o órgão

Por fim, a lenda se desenrola ao longo de três anos. A história começa quando Maese Pérez, organista que todos iam ouvir, está no convento de Santa Inês na Noite de Natal tocando o órgão. No entanto, Maese Pérez adoece e, deste modo, um organista invejoso se oferece para tocar. É justamente no momento em que está prestes a começar a função que Maese Pérez aparece e diz que sente que essa será sua última noite. Isto é, não quer morrer sem antes voltar a tocar o órgão. De fato, a personagem morre naquela noite, mais precisamente instantes depois. No ano seguinte, toca em Santa Inês o organista que quisera substituir Maese um ano antes, e, com isso, as pessoas, que sabiam que ele não tocava bem, planejam zombar e incomodá-lo durante a atuação. Inexplicavelmente, o órgão naquela noite ressoa como se fosse Maese Pérez quem o tocava. Um ano depois, a madre superiora encarrega a filha de Maese Pérez a tocar o órgão no dia da Missa do Galo. A princípio, ela inicialmente recusa, acreditando que algo sobrenatural aconteceria, porém acaba cedendo e quando se prepara para tocar, um grito alerta toda a multidão. Finalmente, o órgão toca sozinho, e ela vê como a alma de seu pai era quem fazia sair do velho órgão um som agradável.

Em nossa proposta de tradução, seguimos um projeto que prevê, segundo Cardozo (2021, p. 11), a “natureza necessariamente interferente, criativa e transformadora dessa prática”. Isso aumenta a responsabilidade do tradutor e vai na contramão de uma ideia de que o texto

“traduzido” seria a busca pelo símile do “original”. Ao mesmo tempo, acreditamos que prefácios, introduções ou notas de rodapé – os paratextos – desempenham um papel importante na tradução literária. Teresa Carneiro (2015) já demonstrou como o paratexto tem um papel crucial na dinâmica entre o texto e o leitor, pois ele não apenas direciona a leitura, como sublinha o que autor e tradutor querem que seja observado.

Devemos ressaltar que usaremos o pronome “vós” na tradução em português com o intuito de que a linguagem se aproxime do gênero “lenda”. Isto é, o uso de um sistema pronominal contemporâneo do português brasileiro pode prejudicar o efeito da leitura de uma lenda oitocentista.

Maese Pérez el Organista

En Sevilla, en el mismo atrio de Santa Inés, y mientras esperaba que comenzase la Misa del Gallo, oí esta tradición a una demandadera del convento.

Como era natural, después de oírla, aguardé impaciente que comenzara la ceremonia, ansioso de asistir a un prodigio.

Nada menos prodigioso, sin embargo, que el órgano de Santa Inés, ni nada más vulgar que los insulsos motetes que nos regaló su organista aquella noche.

Al salir de la misa, no pude por menos de decirle a la demandadera con aire de burla:

—¿En qué consiste que el órgano de maese Pérez suena ahora tan mal?

—¡Toma! -me contestó la vieja-. En que éste no es el suyo.

—¿No es el suyo? ¿Pues qué ha sido de él?

—Se cayó a pedazos, de puro viejo, hace una porción de años.

—¿Y el alma del organista?

—No ha vuelto a parecer desde que colocaron el que ahora le substituye.

Si a alguno de mis lectores se les ocurriese hacerme la misma pregunta después de leer esta historia ya sabe por qué no se ha continuado el milagroso portentoso hasta nuestros días.

I

—¿Veis ése de la capa roja y la pluma blanca en el fieltro, que parece que trae sobre su justillo todo el oro de los galeones de Indias? aquel que baja en este momento de su litera para dar la mano a esa otra señora, que después de dejar la suya se adelanta hacia aquí, precedida de cuatro pajes con hachas? Pues ése es el marqués de Moscoso, galán de la condesa viuda de Villapineda. Se dice que antes de poner sus ojos sobre esta dama había pedido en matrimonio

a la hija de un opulento señor; mas el padre de la doncella, de quien se murmura que es un poco avaro... Pero, ¡calle!, en hablando del ruin de Roma, cátales aquí que asoma. ¿Veis aquél que viene por debajo del arco de San Felipe, a pie, embozado en una capa oscura, y precedido de un solo criado con una linterna? Ahora llega frente al retablo.

»¿Reparasteis, al desembozarse para saludar a la imagen, la encomienda que brilla en su pecho?

»A no ser por ese noble distintivo, cualquiera le creería un lonjista de la calle de Culebras... Pues ése es el padre en cuestión; mirad cómo la gente del pueblo le abre paso y le saluda.

»Toda Sevilla le conoce por su colosal fortuna. Él sólo tiene más ducados de oro en sus arcas que soldados mantiene nuestro señor el rey Don Felipe, y con sus galeones podría formar una escuadra suficiente a resistir a la del Gran Turco.

»Mirad, mirad ese grupo de señores graves: éstos son los caballeros veinticuatro. ¡Hola, hola! También está aquí el flamencote, a quien se dice que no han echado ya el guante los señores de la cruz verde merced a su influjo con los magnates de Madrid... Éste no viene a la iglesia más que a oír música... No, pues si maese Pérez no le arranca con su órgano lágrimas como puños bien se puede asegurar que no tiene su alma en su almario, sino friéndose en las calderas de Pedro Botero... ¡Ay vecina! Malo..., malo... Presumo que vamos a tener jarana; yo me refugio en la iglesia, pues, por lo que veo, aquí van a andar más de sobra los cintarazos que los Paternóster. Mirad, Mirad: las gentes del duque de Alcalá doblan la esquina de la plaza de San Pedro, y por el callejón de las Dueñas se me figura que he columbrado a las del de Medinasidonia... ¿No os lo dije?

»Ya se han visto, ya se detienen unos y otros, sin pasar de sus puestos... Los grupos se disuelven... Los ministriles, a quienes en estas ocasiones apalean amigos y enemigos, se retiran... Hasta el señor asistente, con su vara y todo, se refugia en el atrio... ¡Y luego dicen que hay justicia! Para los pobres...

»Vamos, vamos, ya brillan los broqueles en la obscuridad... ¡Nuestro Señor del Gran Poder nos asista! Ya comienzan los golpes... ¡Vecina! ¡vecina! Aquí..., antes que cierren las puertas. Pero, ¡calle! ¿Qué es eso? ¿Aún no ha comenzado cuando lo dejan? ¿Qué resplandor es aquél?... ¡Hachas encendidas! ¡Literas! Es el señor arzobispo...

»La Virgen Santísima del Amparo, a quien invocaba ahora mismo con el pensamiento, lo trae en mi ayuda... ¡Ay! ¡Si nadie sabe lo que yo debo a esta Señora!... ¡Con cuánta usura me paga la candelilla que le enciendo los sábados!... Vedlo, qué hermosote está con sus hábitos

morados y su birrete rojo... Dios le conserve en su silla tantos siglos como yo deseo de vida para mí. Si no fuera por él media Sevilla hubiera ya ardido con estas disensiones de los duques. Vedlos, vedlos, los hipocritones, cómo se acercan ambos a la litera del prelado para besarle el anillo... Cómo le siguen y le acompañan, confundiéndose con sus familiares. Quién diría que esos dos que parecen tan amigos, si dentro de media hora se encuentran en una calle oscura... Es decir, ¡ellos..., ellos!... Líbreme Dios de creerlos cobardes; buena muestra han dado de sí peleando en algunas ocasiones contra los enemigos de Nuestro Señor... Pero es la verdad que si se buscaran..., y si se buscaran con ganas de encontrarse, se encontrarían, poniendo fin de una vez a estas continuas reyertas en las cuales los que verdaderamente baten el cobre de firme son sus deudos, sus allegados y su servidumbre.

»Pero vamos, vecina, vamos a la iglesia antes que se ponga de bote en bote..., que algunas noches como ésta suele llenarse de modo que no cabe ni un grano de trigo... Buena ganga tienen las monjas con su organista... ¿Cuándo se ha visto el convento tan favorecido como ahora?... De las otras comunidades puedo decir que le han hecho a maese Pérez proposiciones magníficas; verdad que nada tiene de extraño, pues hasta el señor arzobispo le ha ofrecido montes de oro por llevarle a la catedral... Pero él, nada... Primero dejaría la vida que abandonar su órgano favorito... ¿No conocéis a maese Pérez? Verdad es que sois nueva en el barrio... Pues es un santo varón; pobre, sí, pero limosnero cual no otro... Sin más parientes que su hija ni más amigo que su órgano, pasa su vida entera en velar por la inocencia de la una y componer los registros del otro... ¡Cuidado que el órgano es viejo!... Pues, nada, él se da tal maña en arreglarlo y cuidarlo que suena que es una maravilla... Como que le conoce de tal modo que a tientas..., porque no sé si os lo he dicho, pero el pobre señor es ciego de nacimiento... Y ¡con qué paciencia lleva su desgracia!... Cuando le preguntan que cuánto daría por ver responde: «Mucho, pero no tanto como creéis, porque tengo esperanzas». «¿Esperanzas de ver?» «Sí, y muy pronto -añade, sonriéndose como un ángel-; ya cuento setenta y seis años; por muy larga que sea mi vida, pronto veré a Dios...»

»¡Pobrecito! Y sí lo verá..., porque es humilde como las piedras de la calle, que se dejan pisar de todo el mundo... Siempre dice que no es más que un pobre organista de convento, y puede dar lecciones de solfa al mismo maestro de la capilla de la Primada; como que echó los dientes en el oficio... Su padre tenía la misma profesión que él; yo no le conocí, pero mi señora madre, que santa gloria haya, dice que le llevaba siempre al órgano consigo para darle a los fuelles. Luego el muchacho mostró tales disposiciones, que, como era natural, a la muerte de su padre heredó el cargo... ¡Y qué manos tiene! Dios se las bendiga. Merecía que se las llevaran

a la calle de Chicarreros y se las engarzasen en oro... Siempre toca bien, siempre; pero en semejante noche como ésta es un prodigio... Él tiene una gran devoción por esta ceremonia de la Misa del Gallo, y cuando levantan la Sagrada Forma, al punto y hora de las doce, que es cuando vino al mundo Nuestro Señor Jesucristo..., las voces de su órgano son voces de ángeles...

»En fin, ¿para qué tengo de ponderarle lo que esta noche oirá? Baste el ver cómo todo lo más florido de Sevilla, hasta el mismo señor arzobispo, vienen a un humilde convento para escucharle; y no se crea que sólo la gente sabida y a la que se le alcanza esto de la solfa conocen su mérito, sino hasta el populacho.

Todas esas bandadas que veis llegar con teas encendidas entonando villancicos con gritos desaforados al compás de los panderos, las sonajas y las zambombas, contra su costumbre, que es la de alborotar las iglesias, callan como muertos cuando pone maese Pérez las manos en el órgano... Y cuando alzan..., cuando alzan, no se siente una mosca...; de todos los ojos caen lagrimones tamaños, y al concluir se oye como un suspiro inmenso, que no es otra cosa que la respiración de los circunstantes, contenida mientras dura la música... Pero vamos, vamos, ya han dejado de tocar las campanas, y va a comenzar la misa, vamos adentro...

»Para todo el mundo es esta noche Nochebuena, pero para nadie mejor que para nosotros».

Esto diciendo, la buena mujer que había servido de cicerone a su vecina atravesó el atrio del convento de Santa Inés, y codazo en éste, empujón en aquél, se internó en el templo, perdiéndose entre la muchedumbre que se agolpaba en la puerta.

II

La iglesia estaba iluminada con una profusión asombrosa. El torrente de luz que se desprendía de los altares para llenar sus ámbitos chispeaba en los ricos joyeles de las damas, que, arrodillándose sobre los cojines de terciopelo que tendían los pajes y tomando el libro de oraciones de manos de las dueñas, vinieron a formar un brillante círculo alrededor de la verja del presbiterio. Junto a aquella verja, de pie, envueltos en sus capas de color galoneadas de oro, dejando entrever con estudiado descuido las encomiendas rojas y verdes, en la una mano el fieltro, cuyas plumas besaban los tapices; la otra sobre los bruñidos gavilanes del estoque o acariciando el pomo del cincelado puñal, los caballeros veinticuatro, con gran parte de lo mejor de la nobleza sevillana, parecían formar un muro, destinado a defender a sus hijas y a sus esposas del contacto de la plebe. Ésta, que se agitaba en el fondo de las naves, con un rumor parecido al del mar cuando se alborota, prorrumpió en una aclamación de júbilo, acompañada del discordante sonido de las sonajas y los panderos, al mirar aparecer al arzobispo, el cual,

después de sentarse junto al altar mayor bajo un solio de grana que rodearon sus familiares, echó por tres veces la bendición al pueblo.

Era la hora de que comenzase la misa.

Transcurrieron, sin embargo, algunos minutos sin que el celebrante apareciese. La multitud comenzaba a rebullirse, demostrando su impaciencia; los caballeros cambiaban entre sí algunas palabras a media voz y el arzobispo mandó a la sacristía a uno de sus familiares a inquirir el por qué no comenzaba la ceremonia.

—Maese Pérez se ha puesto malo, muy malo, y será imposible que asista esta noche a la misa.

Ésta fue la respuesta del familiar.

La noticia cundió instantáneamente entre la muchedumbre. Pintar el efecto desagradable que causó en todo el mundo sería cosa imposible; baste decir que comenzó a notarse tal bullicio en el templo que el asistente se puso de pie y los alguaciles entraron a imponer silencio, confundiéndose entre las apiñadas olas de la multitud.

En aquel momento un hombre mal trazado, seco, huesudo y bisojo por añadidura se adelantó hasta el sitio que ocupaba el prelado.

—Maese Pérez está enfermo -dijo-; la ceremonia no puede empezar. Si queréis yo tocaré el órgano en su ausencia; que ni maese Pérez es el primer organista del mundo ni a su muerte dejará de usarse ese instrumento por falta de inteligente...

El arzobispo hizo una señal de asentimiento con la cabeza, y ya algunos de los fieles que conocían a aquel personaje extraño por un organista envidioso, enemigo del de Santa Inés, comenzaban a prorrumpir en exclamaciones de disgusto, cuando de improviso se oyó en el atrio un ruido espantoso.

—¡Maese Pérez está aquí!... ¡Maese Pérez está aquí!...

A estas voces de los que estaban apiñados en la puerta todo el mundo volvió la cara.

Maese Pérez, pálido y desenchajado, entraba, en efecto, en la iglesia, conducido en un sillón, que todos se disputaban el honor de llevar en sus hombros.

Los preceptos de los doctores, las lágrimas de su hija, nada había sido bastante a detenerle en el lecho.

—No -había dicho-; ésta es la última, lo conozco, lo conozco, y no quiero morir sin visitar mi órgano, y esta noche sobre todo, la Nochebuena. Vamos, lo quiero, lo mando; vamos a la iglesia.

Sus deseos se habían cumplido; los concurrentes le subieron en brazos a la tribuna y comenzó la misa.

En aquel momento sonaban las doce en el reloj de la catedral.

Pasó el introito, y el Evangelio, y el ofertorio, y llegó el instante solemne en que el sacerdote toma con la extremidad de sus dedos la Sagrada Forma y después de haberla consagrado comienza a elevarla.

Una nube de incienso que se desenvolvía en ondas azuladas llenó el ámbito de la iglesia; las campanillas repicaron con un sonido vibrante, y maese Pérez puso sus crispadas manos sobre las teclas del órgano.

Las cien voces de sus tubos de metal resonaron en un acorde majestuoso y prolongado, que se perdió poco a poco, como si una ráfaga de aire hubiese arrebatado sus últimos ecos.

A este primer acorde, que parecía una voz que se elevaba desde la tierra al cielo, respondió otro lejano y suave que fue creciendo, creciendo, hasta convertirse en un torrente de atronadora armonía.

Era la voz de los ángeles que atravesando los espacios llegaba al mundo.

Después comenzaron a oírse como unos himnos distantes que entonaban las jerarquías de serafines; mil himnos a la vez, al confundirse, formaban uno solo, que, no obstante, era no más el acompañamiento de una extraña melodía, que parecía flotar sobre aquel océano de misteriosos ecos como un jirón de niebla sobre las olas del mar.

Luego fueron perdiéndose unos cantos, después otros; la combinación se simplificaba. Ya no eran más que dos voces cuyos ecos se confundían entre sí; luego quedó una aislada, sosteniendo una nota brillante como un hilo de luz... El sacerdote inclinó la frente, y por encima de su cabeza cana y como a través de una gasa azul que fingía el humo del incienso apareció la Hostia a los ojos de los fieles. En aquel instante la nota que maese Pérez sostenía trinando se abrió, se abrió, y una explosión de armonía gigante estremeció la iglesia, en cuyos ángulos zumbaba el aire comprimido y cuyos vidrios de colores se estremecían en sus angostos ajimeces.

De cada una de las notas que formaban aquel magnífico acorde se desarrolló un tema, y unos cerca, otros lejos, éstos brillantes, aquéllos sordos, diríase que las aguas y los pájaros, las brisas y las frondas, los hombres y los ángeles, la tierra y los cielos, cantaban cada cual en su idioma un himno al nacimiento del Salvador.

La multitud escuchaba atónica y suspendida. En todos los ojos había una lágrima, en todos los espíritus un profundo recogimiento.

El sacerdote que oficiaba sentía temblar sus manos, porque Aquél que levantaba en ellas, Aquél a quien saludaban hombres y arcángeles era su Dios, era su Dios, y le parecía haber visto abrirse los cielos y transfigurarse la Hostia.

El órgano proseguía sonando, pero sus voces se apagaban gradualmente como una voz que se pierde de eco en eco y se aleja y se debilita al alejarse cuando de pronto sonó un grito de mujer.

El órgano exhaló un sonido disorde y extraño, semejante a un sollozo, y quedó mudo.

La multitud se agolpó a la escalera de la tribuna, hacia la que, arrancados de su éxtasis religioso, volvieron la mirada con ansiedad todos los fieles.

—¿Qué ha sucedido? ¿Qué pasa? -se decían unos a otros. Y nadie sabía responder y todos se empeñaban en adivinarlo, y crecía la confusión y el alboroto comenzaba a subir de punto, amenazando turbar el orden y el recogimiento propios de la iglesia.

—¿Qué ha sido eso? -preguntaban las damas al asistente, que, precedido de los ministriles, fue uno de los primeros a subir a la tribuna, y que, pálido y con muestras de profundo pesar, se dirigía al puesto en donde le esperaba el arzobispo, ansioso, como todos, por saber la causa de aquel desorden.

—¿Qué hay?

—Que maese Pérez acaba de morir.

En efecto, cuando los primeros fieles, después de atropellarse por la escalera, llegaron a la tribuna vieron al pobre organista caído de boca sobre las teclas de su viejo instrumento, que aún vibraba sordamente, mientras su hija, arrodillada a sus pies, le llamaba en vano entre suspiros y sollozos.

III

—Buenas noches, mi señora doña Baltasara: ¿también usarced viene esta noche a la Misa del Gallo? Por mi parte, tenía hecha intención de ir a oír a la parroquia; pero lo que sucede... ¿Dónde va Vicente? Donde va la gente. Y eso que, si he de decir verdad, desde que murió maese Pérez parece que me echan una losa sobre el corazón cuando entro en Santa Inés... ¡Pobrecito! ¡Era un Santo!... Yo de mí sé decir que conservo un pedazo de su jubón como una reliquia, y lo merece, pues en Dios y en mi ánima que si el señor arzobispo tomara mano en ello es seguro que nuestros nietos le verían en los altares... Mas ¡cómo ha de ser!... A muertos y a idos no hay amigos... Ahora lo que priva es la novedad... Ya me entiende usarced. ¡Qué! ¿No sabe nada de lo que pasa? Verdad que nosotras nos parecemos en eso: de nuestra casita a la iglesia y de la iglesia a nuestra casita, sin cuidarnos de lo que se dice o déjase de decir... Sólo

que yo, así..., al vuelo..., una palabra de acá, otra de acullá..., sin ganas de enterarme siquiera, suelo estar al corriente de algunas novedades... Pues, sí, señor; parece cosa hecha que el organista de San Román, aquel bisojo, que siempre está echando pestes de los otros organistas; aquel perdulariote, que más parece jifero de la puerta de la Carne que maestro de solfa, va a tocar esta Nochebuena en lugar de maese Pérez. Ya sabrá usarced, porque esto lo ha sabido todo el mundo y es cosa pública en Sevilla, que nadie quería comprometerse a hacerlo. Ni aun su hija, que es profesora, y después de la muerte de su padre entró en el convento de novicia. Y era natural: acostumbrados a oír aquellas maravillas cualquiera otra cosa había de parecernos mala, por más que quisieran evitarse las comparaciones. Pues cuando ya la comunidad había decidido que, en honor del difunto y como muestra de respeto a su memoria, permanecería callado el órgano en esta noche, hete aquí que se presenta nuestro hombre diciendo que él se atreve a tocarlo... No hay nada más atrevido que la ignorancia... Cierto que la culpa no es suya, sino de los que le consienten esta profanación...; pero así va el mundo...; y digo, no es cosa la gente que acude...; cualquiera diría que nada ha cambiado desde un año a otro. Los mismos personajes, el mismo lujo, los mismos empujones en la puerta, la misma animación en el atrio, la misma multitud en el templo... ¡Ay, si levantara la cabeza el muerto se volvía a morir por no oír su órgano tocado por manos semejantes! Lo que tiene que, si es verdad lo que me han dicho las gentes del barrio, le preparan una buena al intruso. Cuando llegue el momento de poner la mano sobre las teclas va a comenzar una algarabía de sonajas, panderos y zambombas que no haya más que oír... Pero, ¡calle!, ya entra en la iglesia el héroe de la función. ¡Jesús, qué ropilla de colorines, qué gorguera de cañutos, qué aires de personaje! Vamos, vamos, que ya hace rato que llegó el arzobispo y va a comenzar la misa... Vamos, que me parece que esta noche va a darnos que contar para muchos días.

Esto diciendo la buena mujer, que ya conocen nuestros lectores por sus exabruptos de locuacidad, penetró en Santa Inés, abriéndose, según costumbre, camino entre la multitud a fuerza de empujones y codazos.

Ya se había dado principio a la ceremonia.

El templo estaba tan brillante como el año anterior.

El nuevo organista, después de atravesar por en medio de los fieles que ocupaban las naves para ir a besar el anillo del prelado, había subido a la tribuna, donde tocaba unos tras otros los registros del órgano con una gravedad tan afectada como ridícula.

Entre la gente menuda que se apiñaba a los pies de la iglesia se oía un rumor sordo y confuso, cierto presagio de que la tempestad comenzaba a fraguarse y no tardaría mucho en dejarse sentir.

—Es un truhán, que, por no hacer nada bien, ni aun mira a derechas -decían los unos.

—Es un ignorantón, que, después de haber puesto el órgano de su parroquia peor que una carraca, viene a profanar el de maese Pérez -decían los otros.

Y mientras éste se desembarazaba del capote para prepararse a darle de firme a su pandero y aquél apercibía sus sonajas y todos se disponían a hacer bulla a más y mejor, sólo alguno que otro se aventuraba a defender tibiamente al extraño personaje, cuyo porte orgulloso y pendantesco hacía tan notable contraposición con la modesta apariencia y la afable bondad del difunto maese Pérez.

Al fin llegó el esperado momento, el momento solemne en que el sacerdote, después de inclinarse y murmurar algunas palabras santas, tomó la Hostia en sus manos... Las campanillas repicaron, semejando su repique una lluvia de notas de cristal; se elevaron las diáfanas ondas de incienso, y sonó el órgano.

Una estruendoso algarabía llenó los ámbitos de la iglesia en aquel instante y ahogó su primer acorde.

Zampoñas, gaitas, sonajas, panderos, todos los instrumentos del populacho, alzaron sus discordantes voces a la vez; pero la confusión y el estrépito sólo duró algunos segundos. Todos a la vez, como habían comenzado, enmudecieron de pronto.

El segundo acorde, amplio, valiente, magnífico, se sostenía aún brotando de los tubos de metal del órgano, como una cascada de armonía inagotable y sonora.

Cantos celestes como los que acarician los oídos en los momentos de éxtasis; cantos que percibe el espíritu y no los puede repetir el labio; notas sueltas de una melodía lejana, que suenan a intervalos, traídas en las ráfagas del viento; rumor de hojas que se besan en los árboles con un murmullo semejante al de la lluvia; trinos de alondras que se levantan gorjeando de entre las flores como una saeta despedida a las nubes; estruendos sin nombre, imponentes como los rugidos de una tempestad; coros de serafines sin ritmo ni cadencia, ignota música del cielo, que sólo la imaginación comprende; himnos alados, que parecían remontarse al trono del Señor como una tromba de luz y de sonidos..., todo lo expresaban las cien voces del órgano con más pujanza, con más misteriosa poesía, con más fantástico color que lo habían expresado nunca...

Cuando el organista bajó de la tribuna la muchedumbre que se agolpó a la escalera fue tanta y tanto su afán por verle y admirarle que el asistente, temiendo, no sin razón, que le

ahogaran entre todos, mandó a algunos de sus ministriles para que, vara en mano, le fueran abriendo camino hasta llegar al altar mayor, donde el prelado le esperaba.

—Ya veis -le dijo este último cuando le trajeron a su presencia-: vengo desde mi palacio aquí sólo por escucharos. ¿Seréis tan cruel como maese Pérez, que nunca quiso excusarme el viaje, tocando la Nochebuena en la misa de la catedral?

—El año que viene -respondió el organista-, prometo daros gusto, pues por todo el oro de la tierra no volvería a tocar este órgano.

—¿Y por qué? -interrumpió el prelado.

—Porque... -añadió el organista, procurando dominar la emoción que se revelaba en la palidez de su rostro-, porque es viejo y malo y no puede expresar todo lo que se quiere.

El arzobispo se retiró, seguido de sus familiares. Unas tras otras, las literas de los señores fueron desfilando y perdiéndose en las revueltas de las calles vecinas; los grupos del atrio se disolvieron, dispersándose los fieles en distintas direcciones, y ya la demandadera se disponía a cerrar las puertas de la entrada del atrio cuando se divisaban aún dos mujeres que, después de persignarse y murmurar una oración ante el retablo del arco de San Felipe, prosiguieron su camino, internándose en el callejón de las Dueñas.

—¿Qué quiere usarced, mi señora doña Baltasara? -decía la una-, yo soy de este genial. Cada loco con su tema... Me lo habían de asegurar capuchinos descalzos y no lo creería del todo... Ese hombre no puede haber tocado lo que acabamos de escuchar... Si yo lo he oído mil veces en San Bartolomé, que era su parroquia, y de donde tuvo que echarle el señor cura por malo, y era cosa de taparse los oídos con algodones... Yo me acuerdo, pobrecito, como si lo estuviera viendo, me acuerdo de la cara de maese Pérez cuando en semejante noche como ésta bajaba de la tribuna después de haber suspendido el auditorio con sus primores... ¡Qué sonrisa tan bondadosa, qué color tan animado!... Era viejo y parecía un ángel... No que éste ha bajado las escaleras a trompicones, como si le ladrara un perro en la meseta, y con un color de difunto y unas... Vamos, mi señora doña Baltasara, créame usarced, y créame con todas veras..., yo sospecho que aquí hay busilis...

Comentando las últimas palabras, las dos mujeres doblaban la esquina del callejón y desaparecían.

Creemos inútil decir a nuestros lectores quién era una de ellas.

IV

Había transcurrido un año más. La abadesa del convento de Santa Inés y la hija de maese Pérez hablaron en voz baja, medio ocultas entre las sombras del coro de la iglesia. El

esquilón llamaba a voz herida a los fieles desde la torre, y alguna que otra rara persona atravesaba el atrio silencioso y desierto esta vez, y después de tomar el agua bendita en la puerta escogía un puesto en un rincón de las naves, donde unos cuantos vecinos del barrio esperaban tranquilamente que comenzara la Misa del Gallo.

—Ya lo veis -decía la superiora-: vuestro temor es sobremanera pueril; nadie hay en el templo; toda Sevilla acude en tropel a la catedral esta noche. Tocad vos el órgano y tocadle sin desconfianza de ninguna clase; estaremos en comunidad... Pero... proseguís callando, sin que cesen vuestros suspiros. ¿Qué os pasa? ¿Qué tenéis?

—Tengo... miedo -exclamó la joven con un acento profundamente conmovido.

—¡Miedo! ¿De qué?

—No sé..., de una cosa sobrenatural... Anoche, mirad, yo os había oído decir que teníais empeño en que tocara el órgano en la misa, y, ufana con esta distinción, pensé arreglar sus registros y templarle, al fin de que hoy os sorprendiese... Vine al coro... sola..., abrí la puerta que conduce a la tribuna... En el reloj de la catedral sonaba en aquel momento una hora..., no sé cuál... Pero las campanas eran tristísimas y muchas..., muchas...; estuvieron sonando todo el tiempo que yo permanecí como clavada en el dintel, y aquel tiempo me pareció un siglo.

La iglesia estaba desierta y oscura... Allá lejos, en el fondo, brillaba, como una estrella perdida en el cielo de la noche, una luz moribunda... la luz de la lámpara que arde en el altar mayor... A sus reflejos debilísimos, que sólo contribuían a hacer más visible todo el profundo horror de las sombras, vi..., le vi, madre, no lo dudéis, vi un hombre que en silencio y vuelto de espaldas hacia el sitio en que yo estaba recorría con una mano las teclas del órgano mientras tocaba con la otra a sus registros... y el órgano sonaba, pero sonaba de una manera indescriptible. Cada una de sus notas parecía un sollozo ahogado dentro del tubo de metal, que vibraba con el aire comprimido en su hueco, y reproducía el tono sordo, casi imperceptible, pero justo.

Y el reloj de la catedral continuaba dando la hora y el hombre aquél proseguía recorriendo las teclas. Yo oía hasta su respiración.

El horror había helado la sangre de mis venas; sentía en mi cuerpo como un frío glacial, y en mis sienes, fuego... Entonces quise gritar, pero no pude. El hombre aquél había vuelto la cara y me había mirado...; digo mal, no me había mirado, porque era ciego... ¡Era mi padre!

—¡Bah!, hermana, desechad esas fantasías con que el enemigo malo procura turbar las imaginaciones débiles... Rezad un Paternóster y un Ave María al Arcángel San Miguel, jefe de las milicias celestiales, para que os asista contra los malos espíritus. Llevad al cuello un

escapulario tocado en la reliquia de San Pacomio, abogado contra las tentaciones, y marchad, marchad a ocupar la tribuna del órgano; la Misa va a comenzar, y ya esperan con impaciencia los fieles. Vuestro padre está en el cielo, y desde allí, antes que daros sustos, bajará a inspirar a su hija en esta ceremonia solemne, para el objeto de tan especial devoción.

La priora fue a ocupar su sillón en el coro en medio de la comunidad. La hija de maese Pérez abrió con mano temblorosa la puerta de la tribuna para sentarse en el banquillo del órgano, y comenzó la Misa.

Comenzó la Misa y prosiguió sin que ocurriese nada de notable hasta que llegó la consagración. En aquel momento sonó el órgano, y al mismo tiempo que el órgano un grito de la hija de maese Pérez...

La superiora, las monjas y algunos de los fieles corrieron a la tribuna.

—¡Miradle! ¡Miradle! -decía la joven fijando sus desencajados ojos en el banquillo, de donde se había levantado asombrada para agarrarse con sus manos convulsas al barandal de la tribuna.

Todo el mundo fijó sus miradas en aquel punto. El órgano estaba solo, y, no obstante, el órgano seguía sonando..., sonando como sólo los arcángeles podrían imitarlo en sus raptos de místico alborozo.

—¿No os lo dije yo una y mil veces, mi señora doña Baltasara, no os lo dije yo?... ¡Aquí hay busilis...! Oídlo; qué, ¿no estuvisteis anoche en la Misa del Gallo? Pero, en fin, ya sabréis lo que pasó. En toda Sevilla no se habla de otra cosa... El señor arzobispo está hecho, y con razón, una furia... Haber dejado de asistir a Santa Inés; no haber podido presenciar el portento... ¿Y para qué? Para oír una cencerrada; porque personas que lo oyeron dicen que lo que hizo el dichoso organista de San Bartolomé, en la catedral, no fue otra cosa... Si lo decía yo. Eso no puede haberlo tocado el bisojo, mentira... Aquí hay busilis; y el busilis era, en efecto, el alma de maese Pérez.

Mestre³ Pérez, o Organista

Em Sevilha, no mesmo pórtico de Santa Inés, e enquanto esperava o início da Missa do Galo, ouvi esta lenda de uma mendiga do convento.

³ Mestre: Alguém que é mestre, ou seja, um indivíduo que possui o domínio de uma arte ou técnica. (Mestre -> Maese)

Naturalmente, depois de ouvi-la, esperei com impaciência o início da cerimônia, ansioso por testemunhar um fenômeno.

Nada menos fenomenal, porém, que o órgão de Santa Inês, nem nada mais vulgar que os insípidos motetos que o seu organista nos deu naquela noite.

Ao sair da missa, não pude deixar de dizer à mendiga com ar zombeteiro:

–O que faz o órgão do Mestre Pérez parecer tão ruim agora?

–Ora essa! - a idosa me respondeu-. Que esse não é o dele.

–Não é o dele? Então, o que aconteceu com ele?

–Caiu em pedaços, de tão velho, há muitos anos.

–E a alma do organista?

–Ele não reapareceu desde que instalaram aquele que o está substituindo agora.

Se algum dos meus leitores me fizesse a mesma pergunta depois de ler esta história, já hão de saber por que o maravilhoso milagre não continuou até hoje.

I

–Vedes esse da capa vermelha e da pena branca no feltro, que parece ter todo o ouro dos galeões⁴ das Índias no gibão? aquele que neste momento desce da sua carruagem para apertar a mão daquela outra senhora, que depois de sair da sua carruagem vem para cá, precedida por quatro pajens com machados? Pois bem, esse é o Marquês de Moscoso, pretendente da viúva condessa de Villapineda. Diz-se que antes de pôr os olhos nesta senhora ele pediu em casamento a filha de um rico senhor. Mas o pai da donzela, de quem se comenta que é um pouco avaro... Mas, calai-vos!, falando no diabo, ele aparece. Vedes aquele que sai de baixo do arco de São Felipe, a pé, envolto em um manto escuro, e precedido por um único criado com uma lanterna? Agora ele chega em frente ao retábulo.

»Notastes, ao se descobrir para cumprimentar a imagem, a comenda que brilha em seu peito?

»Não fosse esse nobre distintivo, qualquer um acreditaria que ele era um armazenário na rua Culebras... Bem, esse é o pai em questão; Vede como os habitantes da cidade abrem caminho para ele e o cumprimentam.

»Toda Sevilha o conhece por sua colossal fortuna. Ele sozinho tem mais ducados de ouro em seus cofres dos soldados que mantém nosso senhor o rei Dom Felipe, e com seus galeões poderia formar uma esquadra suficiente para resistir à do Grande Turco.

⁴ Galeões: A população chamava assim as embarcações grandes que conduziam gêneros de comércio ao Peru. (Galeões -> Galeones)

»Olhai, olhai esse grupo de senhores sérios: esses são os cavaleiros vinte e quatro. Olá, olá! Também está aqui o flamenguinho, de quem se diz que não foi pego ainda pelos senhores da cruz verde graças à sua influência com os magnatas de Madri... Este não vem à igreja senão para ouvir música... Não, pois se o mestre Pérez não arrancar dele com seu órgão lágrimas grandes como punhos, bem se pode assegurar que tem um coração de pedra, mas fritando-se na caldeira de Pedro Botero⁵... Ai vizinha! problemas... Presumo que vamos ter confusão; eu me refugio na igreja, pois, pelo que vejo, aqui vão cantar mais os cintos que os Paternóster. Olhai, olhai: as massas do duque de Alcalá dobram a esquina da praça de San Pedro, e pelo Callejón de las Dueñas me parece que vi as do de Medinasidonia... Não vos disse?

»Já se viram, já se detêm uns e outros, sem passar de seus lugares... Os grupos se dissolvem... Os menestréis⁶, que nestas ocasiões apanham de amigos e inimigos, se retiram... Até o senhor assistente, com sua vara e tudo, se refugia no pórtico... E depois dizem que há justiça! Para os pobres...

»Ora, ora, já brilham os broquéis na escuridão... Nosso Senhor do Grande Poder nos ajude! Já começam os golpes... Vizinha! vizinha! Aqui..., antes que fechem as portas. Mas, calma! O que é isso? Ainda não começou e já é deixado? Que clarão é aquele?... Tochas acesas! Liteiras! É o senhor arcebispo...

»A Virgem Santíssima do Amparo, a quem eu invocava agora mesmo com o pensamento, o traz em meu socorro... Ai! Ninguém sabe quanto eu devo a esta Senhora!... Com quanta usura me paga a velinha que lhe acendo aos sábados!... Vede que bonitão está com seus hábitos roxos e seu barrete vermelho... Deus o conserve em sua cadeira tantos séculos como eu desejo de vida para mim. Se não fosse por ele meia Sevilha teria já ardido com estas dissensões dos duques. Vede, vede, os hipócritas, como se aproximam ambos da carruagem do prelado para beijar-lhe o anel... Como o seguem e o acompanham, confundindo-se com seus familiares. Quem diria que esses dois que parecem tão amigos, se dentro de meia hora se encontram em uma rua escura... Quer dizer, eles..., eles!... Que Deus me livre de acreditar nesses covardes. Uma boa mostra deram de si lutando em algumas ocasiões contra os inimigos de Nosso Senhor... Mas é a verdade que se se procurassem..., e se se procurassem com vontade de se

⁵ Referência ao personagem que seria a personificação do diabo para Francisco de Quevedo.

⁶ Menestréis: Homens que em funções de igreja e outras solenidades tocavam algum instrumento de sopro. (Menestréis -> Ministriles)

encontrarem, se encontrariam, pondo fim de uma vez a estas contínuas brigas nas quais os que verdadeiramente batem o cobre de firme são seus parentes, seus aliados e sua servidão.

»Mas vamos, vizinha, vamos à igreja antes que fique lotada..., que algumas noites como esta costuma encher de modo que não cabe nem um grão de trigo... Boas economias têm as freiras com seu organista... Quando se viu o convento tão favorecido como agora?... Das outras comunidades posso dizer que fizeram a mestre Pérez propostas magníficas; verdade que nada tem de estranho, pois até o senhor arcebispo lhe ofereceu montes de ouro para levá-lo à catedral... Mas ele, nada... Primeiro deixaria a vida que abandonar seu órgão favorito... Não conheceis o mestre Pérez? Verdade é que sois novos no bairro... Pois é um santo homem; pobre, sim, mas esmoleiro como nenhum outro... Sem mais parentes que sua filha nem mais amigo que seu órgão, passa sua vida inteira em velar pela inocência da uma e compor os registros do outro... Cuidado que o órgão é velho!... Pois, nada, ele se dá tal jeito em arrumá-lo e cuidá-lo que soa que é uma maravilha... Como que o conhece de tal modo que às cegas..., porque não sei se lhes disse, mas o pobre senhor é cego de nascimento... E com que paciência leva sua desgraça!... Quando lhe perguntam que quanto daria por ver responde: «Muito, mas não tanto como pensam, porque tenho esperanças». «Esperanças de ver?» «Sim, e muito em breve - acrescenta, sorrindo-se como um anjo-; já conto com setenta e seis anos; por muito longa que seja minha vida, em breve verei a Deus...»

»Coitadinho! E sim, o verá..., porque é humilde como as pedras da rua, que se deixam pisar de todo o mundo... Sempre diz que não é mais que um pobre organista de convento, e pode dar lições de solfejo ao mesmo mestre da capela da Primaz; como que cresceu no ofício... Seu pai tinha a mesma profissão que ele. Eu não o conheci, mas minha senhora mãe, que santa glória tenha, diz que o levava sempre o órgão consigo para lhe dar os foles. Depois o rapaz mostrou tais aptidões, que, como era natural, com a morte de seu pai herdou o cargo... E que mãos tem! Deus as abençoe. Merecia que as levassem à rua de Chicarreros e as encostassem em ouro... Sempre toca bem, sempre; mas em uma noite como esta é um fenômeno... Ele tem uma grande devoção por esta cerimônia da Missa do Galo, e quando levantam a Sagrada Forma, ao ponto e hora das doze, que é quando veio ao mundo Nosso Senhor Jesus Cristo..., as vozes de seu órgão são vozes de anjos...

»Enfim, para que tenho de lhe ponderar o que esta noite ouvirá? Basta ver como tudo o mais florido de Sevilha, até o mesmo senhor arcebispo, vêm a um humilde convento para escutá-lo; e não se creia que só a gente sabida e a que entende disto do solfejo conhecem seu mérito, mas até o povo.

Todos esses bandos que vedes chegar com tochas acesas entoando canções de Natal com gritos desmedidos ao compasso dos pandeiros, os chocalhos⁷ e as zambumbas⁸, contra seu costume, que é o de alvoroçar as igrejas, calam-se como mortos quando mestre Pérez põe as mãos no órgão... E quando elevam..., quando elevam, não se sente uma mosca...; de todos os olhos caem lágrimas grandes, e ao concluir se ouve como um suspiro imenso, que não é outra coisa que a respiração das pessoas que estão presentes, contida enquanto dura a música... Mas vamos, vamos, já pararam de tocar os sinos, e vai começar a missa, vamos lá dentro...

»Para todo o mundo é esta noite a noite de natal, mas para ninguém melhor do que para nós».

Dizendo isso, a boa mulher que tinha servido de guia⁹ à sua vizinha atravessou o pórtico do convento de Santa Inês, e cotovelo neste, empurrão naquele, entrou no templo, perdendo-se entre a multidão que se aglomerava na porta.

II

A igreja estava iluminada com uma profusão impressionante. A corrente de luz que se desprendia dos altares para preencher seus espaços cintilava nas ricas joias das damas, que, ajoelhando-se sobre as almofadas de veludo que estendiam os pajens e tomando o livro de orações das mãos das donas, vieram formar um brilhante círculo em volta da grade do presbitério. Junto àquela grade, de pé, envoltos em suas capas coloridas bordadas de ouro, deixando entrever com estudado descuido as encomendas vermelhas e verdes, numa mão o feltro, cujas penas beijavam os tapetes; a outra sobre os brilhantes gaviões da espada medieval

⁷ Chocalhos: Par ou pares de chapas de metal que, atravessadas por um arame, se colocam em alguns brinquedos e instrumentos rústicos para fazê-las soar, enquanto as pessoas ficam as agitando. Um tipo de chocalho usado em cerimônias religiosas ou festas populares. (Chocalhos -> Sonajas)

⁸ Zambumbas: Instrumento musical rústico, de barro cozido ou de madeira, oco, aberto por uma extremidade e fechado pela outra com uma pele bem esticada, que tem no centro, bem preso, um caniço como mastro, o qual, friccionado de cima para baixo ou vice-versa com a mão umedecida, produz um som forte, rouco e monótono. Tambores confeccionados de pranchas de madeira coladas com veios alternados ou metal, no formato de caixas cilíndricas. (Zambumbas -> Zambombas)

⁹ Guia: são as pessoas responsáveis por guiar/ orientar/ informar os turistas. (Guía -> Cicerone)

ou acariciando o pomo do cinzelado punhal, os cavaleiros vinte e quatro, com grande parte do melhor da nobreza sevilhana, pareciam formar um muro, destinado a defender a suas filhas e a suas esposas do contato da plebe. Esta, que se agitava no fundo das naves, com um rumor parecido ao do mar quando se alvoroça, irrompeu em uma aclamação de júbilo, acompanhada do discordante som dos chocalhos e dos pandeiros, ao olhar aparecer ao arcebispo, o qual, depois de sentar-se junto ao altar maior sob um sólio simples que seus familiares enfeitaram, lançou por três vezes a bênção ao povo.

Era hora de ter começado a missa.

Passaram, no entanto, alguns minutos sem que o celebrante aparecesse. A multidão começava a se agitar, demonstrando sua impaciência. Os cavaleiros trocavam entre si algumas palavras em meia voz e o arcebispo mandou à sacristia a um de seus familiares a indagar por que não começava a cerimônia.

—Mestre Pérez está doente, muito doente, e será impossível que participe esta noite da missa.

Esta foi a resposta do parente.

A notícia correu instantaneamente entre a multidão. Pintar o efeito desagradável que causou em todo o mundo seria coisa impossível; basta dizer que começou a se notar tal alvoroço no templo que o auxiliar ficou de pé e os oficiais entraram a impor silêncio, confundindo-se entre as amontoadas ondas da multidão.

Naquele momento um homem mal desenhado, seco, ossudo e vesgo por acréscimo se adiantou até o lugar que ocupava o prelado.

— "Mestre Pérez está doente" -disse-; a cerimônia não pode começar. Se quiserdes eu tocarei o órgão em sua ausência; que nem mestre Pérez é o primeiro organista do mundo nem a sua morte deixará de usar esse instrumento por falta de um expert...

O arcebispo fez um sinal de assentimento com a cabeça, e já alguns dos fiéis que conheciam a aquele personagem estranho por um organista invejoso, inimigo do de Santa Inês, começavam a irromper em exclamações de desgosto, quando de repente se ouviu no pórtico um ruído espantoso.

—Mestre Pérez está aqui!... Mestre Pérez está aqui!...

Frente a essas vozes dos que estavam amontoados na porta todo mundo, virou a cara.

Mestre Pérez, pálido e desfigurado, entrava, de fato, na igreja, conduzido em uma poltrona, que todos disputavam a honra de levar em seus ombros.

As normas dos doutores, as lágrimas de sua filha, nada tinha sido suficiente para detê-lo no leito.

—Não -tinha dito-. Esta é a última, eu conheço, eu conheço, e não quero morrer sem visitar meu órgão, e esta noite sobretudo, a Noite de natal. Vamos, eu quero, eu mando; vamos à igreja.

Seus desejos se tinham cumprido; os concorrentes o subiram em braços à tribuna e começou a missa.

Naquele momento, tocavam doze horas no relógio da catedral.

Passou o introito, e o Evangelho, e o ofertório, e chegou o instante solene em que o sacerdote toma com a extremidade de seus dedos a Sagrada Forma e depois de tê-la consagrado começa a elevá-la.

Uma nuvem de incenso que se desenrolava em ondas azuladas encheu o âmbito da igreja; os sininhos repicaram com um som vibrante, e mestre Pérez pôs suas crispadas mãos sobre as teclas do órgão.

As cem vozes de seus tubos de metal ressoaram em um acorde majestoso e prolongado, que se perdeu pouco a pouco, como se uma rajada¹⁰ de vento tivesse arrebatado seus últimos ecos.

A este primeiro acorde, que parecia uma voz que se elevava da terra ao céu, respondeu outro distante e suave que foi crescendo, crescendo, até se transformar em uma torrente de estrondosa harmonia.

Era a voz dos anjos que atravessando os espaços chegava ao mundo.

Depois começaram a se ouvir como uns hinos distantes que entoavam as hierarquias de serafins; mil hinos de uma vez, ao se confundirem, formavam um só, que, no entanto, era não mais que o acompanhamento de uma estranha melodia, que parecia flutuar sobre aquele oceano de misteriosos ecos como um farrapo de névoa sobre as ondas do mar.

Logo foram se perdendo uns cantos, depois outros; a combinação se simplificava. Já não eram mais que duas vozes cujos ecos se confundiam entre si; depois ficou uma isolada, sustentando uma nota brilhante como um fio de luz... O sacerdote inclinou a testa, e por cima de sua cabeça branca e como através de uma gaze azul que fingia a fumaça do incenso apareceu a Hóstia aos olhos dos fiéis. Naquele instante a nota que mestre Pérez sustentava trinando se

¹⁰ Rajada: É o movimento violento do vento que fere repentinamente e que, pelo comum, tem pouca duração. (Rajada -> Ráfaga)

abriu, se abriu, e uma explosão de harmonia gigante estremeceu a igreja, em cujos ângulos zumbia o ar comprimido e cujos vidros de cores se estremeciam em seus estreitos vitrais¹¹.

De cada uma das notas que formavam aquele magnífico acorde se desenvolveu um tema, e uns perto, outros longe, estes brilhantes, aqueles surdos, se diria que as águas e os pássaros, as brisas e as frondes, os homens e os anjos, a terra e os céus, cantavam cada qual em seu idioma um hino ao nascimento do Salvador.

A multidão escutava atônita e em suspense. Em todos os olhos havia uma lágrima, em todos os espíritos um profundo recolhimento.

O sacerdote que oficiava sentia tremer suas mãos, porque Aquele que levantava nelas, Aquele a quem saudavam homens e arcanjos era seu Deus, era seu Deus, e lhe parecia ter visto abrir-se os céus e transfigurar-se a Hóstia.

O órgão continuava ecoando, mas suas vozes se apagavam gradualmente como uma voz que se perde de eco em eco e se afasta e se debilita ao se afastar quando de repente tocou um grito de mulher.

O órgão exalou um som dissonante e estranho, semelhante a um soluço, e ficou mudo.

A multidão se aglomerou à escada da tribuna, para a qual, arrancados de seu êxtase religioso, voltaram o olhar com ansiedade todos os fiéis.

—O que aconteceu? O que acontece? —diziam uns aos outros. E ninguém sabia responder e todos se empenhavam em adivinhá-lo, e crescia a confusão e o alvoroço começava a subir de ponto, ameaçando perturbar a ordem e o recolhimento próprios da igreja.

—O que foi isso? —perguntavam as damas ao auxiliar, que, precedido dos menestrels, foi um dos primeiros a subir à tribuna, e que, pálido e com mostras de profundo pesar, se dirigia ao lugar onde o esperava o arcebispo, ansioso, como todos, por saber a causa daquela desordem.

—O que está acontecendo?

—É que o mestre Pérez acabou de morrer.

De fato, quando os primeiros fiéis, depois de se atropelarem pela escada, chegaram à tribuna viram ao pobre organista caído de boca sobre as teclas de seu velho instrumento, que ainda vibrava surdamente, enquanto sua filha, ajoelhada a seus pés, o chamava em vão entre suspiros e soluços.

III

¹¹ Vitrais: Janela arqueada, dividida no centro por uma coluna. (Vitrais -> Ajimeces)

—Boa noite, minha digníssima dona Baltasara: vós¹² também vindes esta noite à Missa do Galo? Por minha parte, eu tinha a intenção de ir ouvi-la na paróquia; mas o que acontece... Onde vai Vicente? Onde vai o povo. E isso que, se eu tenho que dizer a verdade, desde que morreu o mestre Pérez, parece que me jogam uma laje sobre o coração quando entro em Santa Inés... Coitadinho! Era um Santo!... Eu sei dizer que conservo um pedaço de seu gibão como uma relíquia, e ele merece, pois em Deus e em minha alma que se o senhor arcebispo tomasse conta disso é certo que nossos netos o veriam nos altares... Mas como tem que ser!... Entre mortos e feridos não há amigos... Agora o que vale é a novidade... Tu já me entende. O quê! Tu não sabes nada do que acontece? Verdade que nós nos parecemos nisso: da nossa casinha à igreja e da igreja à nossa casinha, sem nos importarmos com o que se diz ou deixa de dizer... Só que eu, assim..., de passagem..., uma palavra de cá, outra de lá..., sem vontade de me inteirar sequer, costumo estar a par de algumas novidades... Pois, sim, senhor; parece coisa feita que o organista de San Román, aquele vesgo, que sempre está falando mal dos outros organistas; aquele perdulário, que mais parece um vendedor¹³ da porta da Carne que mestre de solfejo, vai tocar esta noite de natal em lugar do mestre Pérez. Vós já sabereis, porque isso todo mundo soube e é coisa pública em Sevilha, que ninguém queria se comprometer a fazê-lo. Nem mesmo sua filha, que é professora, e depois da morte de seu pai entrou no convento de noviça. E era natural: acostumados a ouvir aquelas maravilhas, qualquer outra coisa teria que nos parecer ruim, por mais que quisessem evitar as comparações. Pois quando já a comunidade tinha decidido que, em honra do falecido e como mostra de respeito à sua memória, permaneceria calado o órgão nesta noite, eis que se apresenta nosso homem dizendo que ele se atreve a tocá-lo... Não há nada mais atrevido que a ignorância... Certo que a culpa não é dele, mas dos que lhe consentem esta profanação...; mas assim vai o mundo...; e digo, não é coisa o povo que acode...; qualquer diria que nada mudou de um ano para outro. Os mesmos personagens, o mesmo luxo, os mesmos empurrões na porta, a mesma animação no pórtico, a mesma multidão no templo... Ai, se levantasse a cabeça o morto voltava a morrer por não ouvir seu órgão tocado por mãos semelhantes! O que tem que, se é verdade o que me disseram as pessoas do bairro, eles preparam uma boa para o intruso. Quando chegar o momento de por a mão sobre as teclas vai começar uma algazarra de chocalhos, pandeiros e zabumbas que não haja mais que ouvir... Mas, calai-vos!, já está entrando na igreja o herói da função. Jesus, que roupinha de cores, que gola de canudos, que ares de personagem! Vamos, vamos, que já faz tempo que chegou o

¹² Vós: Uma forma vulgar de “vossa mercê” (Vós -> Usarced)

¹³ Vendedor: Oficial que mata o gado e o desmembra. (Vendedor -> Jifero)

arcebispo e vai começar a missa... Vamos, que me parece que esta noite vai nos dar o que contar por muitos dias.

Dizendo isto a boa mulher, que já conhecem nossos leitores por seus exageros de loquacidade, penetrou em Santa Inés, abrindo-se, segundo costume, caminho entre a multidão a força de empurrões e cotoveladas.

Já se tinha dado início à cerimônia.

O templo estava tão brilhante como o ano anterior.

O novo organista, depois de atravessar por entre os fiéis que ocupavam as naves para ir beijar o anel do prelado, tinha subido à tribuna, onde tocava uns após outros os registros do órgão com uma gravidade tão afetada como ridícula.

Entre o povo miúdo que se amontoava aos pés da igreja se ouvia um rumor surdo e confuso, certo presságio de que a tempestade começava a se formar¹⁴ e não tardaria muito em se fazer sentir.

—É um patife, que, por não fazer nada bem, nem mesmo olha direito -diziam alguns deles.

—É um ignorante, que, depois de ter deixado o órgão de sua paróquia pior que uma matraca, vem profanar o de mestre Pérez -diziam os outros.

E enquanto este se livrava do capote para se preparar para bater firme em seu pandeiro e aquele percebia seus chocalhos e todos se dispunham a fazer barulho a mais e melhor, só algum que outro se arriscava a defender timidamente o estranho personagem, cujo porte orgulhoso e arrogante fazia tão notável contraste com a modesta aparência e a afável bondade do falecido mestre Pérez.

Enfim chegou o esperado momento, o momento solene em que o sacerdote, depois de se inclinar e murmurar algumas palavras santas, tomou a Hóstia em suas mãos... Os sininhos repicaram, parecendo seu repique uma chuva de notas de cristal; elevaram-se as diáfanas ondas de incenso, e soou o órgão.

Uma estrondosa algazarra encheu os espaços da igreja naquele instante e abafou seu primeiro acorde.

¹⁴ Se formar: Formar com o martelo grosseiramente e sem polir o que pode ser feito do metal depois de aquecido na forja./ Pegar a lama, o gesso ou a argamassa que foi utilizada na obra para unir, travar e consolidar. (Se formar -> Fraguarse)

Flautas, gaitas, chocalhos, pandeiros, todos os instrumentos do povo, ergueram suas discordantes vozes de uma vez; mas a confusão e o estrépito só duraram alguns segundos. Todos de uma vez, como haviam começado, emudeceram de repente.

O segundo acorde, amplo, valente, magnífico, se sustentava ainda brotando dos tubos de metal do órgão, como uma cascata de harmonia inesgotável e sonora.

Cantos celestes como os que acariciam os ouvidos nos momentos de êxtase; cantos que percebe o espírito e não os pode repetir o lábio; notas soltas de uma melodia distante, que soam a intervalos, trazidas nas rajadas do vento; rumor de folhas que se beijam nas árvores com um murmúrio semelhante ao da chuva; trinados de cotovias que se levantam gorjeando de entre as flores como uma flecha disparada às nuvens; estrondos sem nome, imponentes como os rugidos de uma tempestade; coros de serafins sem ritmo nem cadência, ignota música do céu, que só a imaginação compreende; hinos alados, que pareciam se elevar ao trono do Senhor como uma tromba de luz e de sons..., tudo isso expressavam as cem vozes do órgão com mais força, com mais misteriosa poesia, com mais fantástico colorido do que o haviam expressado nunca...

Quando o organista desceu da tribuna, a multidão que se aglomerou à escada foi tanta e tanto seu afã por vê-lo e admirá-lo que o assistente, temendo, não sem razão, que o sufocassem entre todos, mandou a alguns de seus menestrels para que, vara em mão, lhe fossem abrindo caminho até chegar ao altar maior, onde o prelado o esperava.

—Já vedes -lhe disse este último quando o trouxeram à sua presença-: venho do meu palácio aqui só para ouvi-lo. Sois tão crueis como mestre Pérez, que nunca quis me poupar a viagem, tocando a Noite de natal na missa da catedral?

—No ano que vem -respondeu o organista-, prometo te dar gosto, pois por todo o ouro da terra não voltaria a tocar este órgão.

—E por quê? -interrompeu o prelado.

—Porque... -acrescentou o organista, procurando dominar a emoção que se revelava na palidez de seu rosto-, porque é velho e ruim e não pode expressar tudo o que se quer.

O arcebispo se retirou, seguido de seus familiares. Umas após outras, as liteiras dos senhores foram desfilando e se perdendo nas voltas das ruas vizinhas; os grupos do pórtico se dissolveram, dispersando-se os fiéis em distintas direções, e já a porteira se dispunha a fechar as portas da entrada do pórtico quando se divisavam ainda duas mulheres que, depois de se

santificarem¹⁵ e murmurarem uma oração diante do retábulo do arco de San Felipe, prosseguiram seu caminho, adentrando-se no beco das Donzelas.

—O que vosmercê quer, minha digníssima dona Baltasara? -dizia a uma-, eu sou deste gênio. Cada louco com sua mania... Eles tinham me prometido capuchinhos descalços e eu não o acreditaria totalmente... Esse homem não pode ter tocado o que acabamos de escutar... Se eu o ouvi mil vezes em São Bartolomeu, que era sua paróquia, e de onde teve que expulsá-lo o senhor cura por mau, e era coisa de tapar os ouvidos com algodões... Eu me lembro, coitadinho, como se o estivesse vendo, me lembro da cara de mestre Pérez quando em uma noite parecida como esta descia da tribuna depois de ter suspenso o auditório com seus primores... Que sorriso tão bondoso, que cor tão animada!... Era velho e parecia um anjo... Não que este desceu as escadas aos tropeços, como se lhe latisse um cachorro na plataforma, e com uma cor de defunto e umas... Vamos, minha digníssima dona Baltasara, crede em mim, e crede em mim com todas as verdades..., eu suspeito que aqui há mistério...

Comentando as últimas palavras, as duas mulheres dobravam a esquina do beco e desapareciam.

Nos parece inútil dizer a nossos leitores quem era uma delas.

IV

Um ano a mais havia passado. A abadessa do convento de Santa Inês e a filha de mestre Pérez falaram em voz baixa, meio escondidas entre as sombras do coro da igreja. O sino¹⁶ chamava os fiéis com voz ferida da torre, e uma ou outra pessoa rara atravessava o pórtico silencioso e deserto desta vez, e depois de tomar a água benta na porta escolhia um lugar em um canto das naves, onde alguns vizinhos do bairro esperavam tranquilamente que começasse a Missa do Galo.

—Já vedes ele -dizia a superiora-: vosso temor é demasiado pueril; ninguém há no templo; toda Sevilha acorre em tropel à catedral esta noite. Tocai vós o órgão e tocai-o sem desconfiança de nenhuma classe; estaremos em comunidade... Mas... prosseguis calando, sem que cessem vossos suspiros. O que é que passa convosco? O que está acontecendo?

¹⁵ Santificarem: Santificar/ benzer alguém, fazendo o sinal da cruz. (Santificarem -> Persignar)

¹⁶ Sino: Instrumento de metal, geralmente bronze, oco, em forma de cúpula, do qual se tiram sons com um badalo no interior ou com um martelo no exterior. Um sino. (Sino -> Esquilón)

–Tenho... medo -exclamou a jovem com um acento profundamente comovido.

–Medo! De quê?

–Não sei..., de uma coisa sobrenatural... Ontem à noite, olhai, eu vos tinha ouvido dizer que tínheis empenho em que tocasse o órgão na missa, e, ufana com esta distinção, pensei arrumar os seus registros e temperá-lo, ao fim de que hoje vos surpreendesse... Vim ao coro... sozinha..., abri a porta que conduz à tribuna... No relógio da catedral soava naquele momento uma hora..., não sei qual... Mas os sinos eram tristíssimos e muitos..., muitos...; estiveram tocando todo o tempo que eu permaneci como cravada no umbral, e aquele tempo me pareceu um século.

A igreja estava deserta e escura... Lá longe, no fundo, brilhava, como uma estrela perdida no céu da noite, uma luz moribunda... a luz da lâmpada que arde no altar-mor... A seus reflexos muito fracos, que só contribuíam para fazer mais visível todo o profundo horror das sombras, vi..., o vi, mãe, não o duvideis, vi um homem que em silêncio e voltado de costas para o lugar em que eu estava percorria com uma mão as teclas do órgão enquanto tocava com a outra em seus registros... e o órgão tocava, mas tocava de uma maneira indescritível. Cada uma de suas notas parecia um soluço abafado dentro do tubo de metal, que vibrava com o ar comprimido em seu oco, e reproduzia o tom surdo, quase imperceptível, mas justo.

E o relógio da catedral continuava dando a hora e aquele homem prosseguia percorrendo as teclas. Eu ouvia até sua respiração.

O horror tinha gelado o sangue de minhas veias; sentia em meu corpo como um frio glacial, e em minhas têmporas, fogo... Então quis gritar, mas não pude. O homem aquele tinha voltado a cara e me tinha olhado...; digo mal, não me tinha olhado, porque era cego... Era meu pai!

–Bah!, irmã, desfazei essas fantasias com que o inimigo mau procura turbar as imaginações débeis... Rezai um Pai-Nosso e uma Ave-Maria ao Arcanjo São Miguel, chefe das milícias celestiais, para que vos assista contra os maus espíritos. Levai ao pescoço um escapulário tocado na relíquia de São Pacômio, advogado contra as tentações, e marchai, marchai a ocupar a tribuna do órgão; a Missa vai começar, e já esperam com impaciência os fiéis. Vosso pai está no céu, e de lá, antes que vos dar sustos, baixará a inspirar a sua filha nesta cerimônia solene, para o objeto de tão especial devoção.

A superiora foi ocupar seu trono no coro no meio da comunidade. A filha de mestre Pérez abriu com mão trêmula a porta da tribuna para sentar-se no banquinho do órgão, e começou a Missa.

Começou a Missa e prosseguiu sem que ocorresse nada de notável até que chegou a consagração. Naquele momento soou o órgão, e ao mesmo tempo que o órgão um grito da filha de mestre Pérez...

A superiora, as monjas e alguns dos fiéis correram à tribuna.

–Olhai-o! Olhai-o! -dizia a jovem fixando seus olhos desencaixados no banquinho, de onde se tinha levantado assombrada para se agarrar com suas mãos convulsas ao gradil da tribuna.

Todo o mundo fixou seus olhares naquele ponto. O órgão estava só, e, no entanto, o órgão seguia soando..., soando como só os arcanjos poderiam imitá-lo em seus arrebatamentos de místico júbilo.

–Não vos disse eu uma e mil vezes, minha senhora dona Baltasara, não vos disse eu?... Aqui há mistério...! Ouvi-o; que, não estivestes ontem na Missa do Galo? Mas, enfim, já sabereis o que passou. Em toda Sevilha não se fala de outra coisa... O senhor arcebispo está furioso, e com razão... Ter deixado de estar com Santa Inês; não ter podido presenciar o prodígio... E para quê? Para ouvir uma badalada; porque pessoas que o ouviram dizem que o que fez o sortudo organista de São Bartolomeu, na catedral, não foi outra coisa... Se o dizia eu. Isso não pode tê-lo tocado o vesgo, mentira... Aqui há mistério; e o mistério era, de fato, a alma de mestre Pérez.

Referências bibliográficas

BÉCQUER, G. A. *Leyendas*. Madri: Cátedra, 2007

CARDOZO, M. M.. História da Tradução: a questão do objeto, o objeto em questão. In: ABES, G.; BERGMANN, J.; CESCO, A. (Org.). *História da Tradução: potências de um diálogo*. Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2021, p. 9-34.

CARNEIRO, T. D.. “Proposta de parâmetros para análise de paratextos de livros traduzidos”. *Tradução em Revista*, 19, p. 133-127, 2015.

Recebido em: 08/03/2025

Aceito em: 30/04/2026